

#OAMORVENCEU: EMBATE ENTRE ÊNFASES VALORATIVAS CONTRADITÓRIAS EM *POST* DE UMA CHARGE SOBRE O DIA DA AMAZÔNIA

Aline Milena Borges da Silva DIAS¹

Resumo: Este trabalho objetiva analisar o modo como se constrói a reacentuação contraditória de *slogans* governamentais lulistas sobre o amor no *post* de uma charge sobre o dia da Amazônia na rede social *Instagram*. A pesquisa inscreve-se teoricamente no campo da Análise Dialógica do Discurso, fundamentando-se, acerca da categoria analítica de acentuação, principalmente nos trabalhos de Bakhtin (1997; 2010), Volóchinov (2013; 2021), Brait (2008; 2009; 2010) e Cunha (2009), bem como, no tratante ao estudo do enunciado na esfera digital, em Araújo (2011) e Brambila (2022). A pesquisa é de natureza qualitativa, com finalidade descritiva-interpretativista. A seleção do *post* para análise seguiu o critério da presença do *slogan* petista atualizado não em seu sentido original de promoção ao governo Lula, mas sim como um enunciado-chave para marcar-lhe oposição. Nesse sentido, elegeu-se o *post* com a charge “Amazônia”, de autoria de Jean Galvão (@jeangalvao) e publicada pelo artista em sua página pessoal de *Instagram*. Quantos aos comentários da publicação, considerando sobretudo os objetivos do estudo, decidiu-se selecionar apenas os que faziam referência direta ao diálogo aberto pela charge. Assim, dos 12 comentários existentes, foram transcritos 4, dentre os quais apenas o 1 e o 2 foram analisados, em virtude de a reacentuação do *slogan* lulista do amor ocorrer apenas nesses dois últimos casos. Durante a coleta de dados, realizou-se, ainda, a leitura das obras teóricas referidas, a partir da qual pôde-se deduzir os elementos relevantes de serem observados no *corpus* recortado. Como última etapa, foi feita a análise e a interpretação dos dados. Nesse momento, viu-se que os comentários da charge revelaram sua oposição com o *slogan* governamental lulista mediante uma reacentuação irônica. Na charge, tal processo discursivo decorreu da modificação do sentido do amor à Amazônia inicialmente sugerido pela linguagem visual da produção. O coração desenhado por um empresário sobre uma árvore que logo é arrancada do chão e levada embora termina por fazer desse signo do amor, contraditoriamente, um signo da ganância. No comentário 1, a reacentuação irônica é deflagrada pela combinação dos signos “amor” e “verde”, que parodia a alcunha representativa da gestão de Lula “governo do amor”, resultando no enunciado “governo do amor verde”. Em vista da tragédia da Amazônia retratada na charge, essa nova construção inviabiliza o sentido positivo esperado de atenção do governo Lula aos problemas estruturais brasileiros – que as condições do surgimento do *slogan* fizeram emergir – questionando, portanto, o amor como política realmente seguida pelo presidente. Já no comentário 4, embora materialmente nenhum elemento tenha sido alterado na reprodução do bordão político “O amor venceu”, é possível perceber, pela consideração dos componentes da situação de produção dessa resposta, que o autor estabelece uma espécie de correção ao pensamento de que o amor estava vencendo na gestão do presidente Lula servindo-se do fato abordado na charge, o qual evidentemente não apenas não representa como também vai de encontro a um governo pautado no amor.

Palavras-chave: signo ideológico; entonação; campanha política; verbo-visualidade; reacentuação.

Abstract: This paper aims to analyze how to build the contradictory rehousing of government slogans lulistas on love in the post of a Charge on the day of the Amazon on the social network Instagram. The research is theoretically part of the field of Dialogic Discourse Analysis, based on the analytical category of accentuation, mainly in the works of Bakhtin (1997; 2010), Volóchinov

¹ Mestranda em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, aline.borgessilva@ufpe.br, <https://orcid.org/0000-0003-0874-1172>.

(2013; 2021), Brait (2008; 2009; 2010) and Cunha (2009) as well as dealing with the study of the utterance in the digital sphere, in Araújo (2011) and Brambila (2022). The research is qualitative in nature, with descriptive-interpretative purpose. The selection of the post for analysis followed the criterion of the presence of the updated PT slogan not in its original sense of promotion to the Lula government, but as a key statement to mark its opposition. In this sense, the post with Charge "Amazônia" was chosen, authored by Jean Galvão (@jeangalvao) and published by the artist on his personal Instagram page. As for the comments of the publication, especially considering the objectives of the study, it was decided to select only those that made direct reference to the dialogue opened by Charge. Thus, of the 12 existing comments, 4 were transcribed, among which only 1 and 2 were analyzed, due to the re-enthronement of the lulista slogan of love occur only in these last two cases. During the data collection, there was also the reading of the theoretical works referred, from which it was possible to deduce the relevant elements to be observed in the corpus clipped. As a last step, the analysis and interpretation of the data was made. At that moment, it was seen that Charge's comments revealed his opposition to the Lulist government slogan through an ironic re-enthronement. In Charge, this discursive process resulted from the modification of the meaning of love to the Amazon initially suggested by the visual language of production. The heart drawn by a businessman on a tree that is soon torn from the ground and taken away ends up making this sign of love, Contraditionally, a sign of greed. In Commentary 1, the ironic re-ignition is triggered by the combination of the signs "love" and "green", which parodies the representative nickname of Lula's management "love government", resulting in the statement "green love government". In view of the tragedy of the Amazon portrayed in Charge, this new construction makes impossible the expected positive sense of attention of the Lula government to the Brazilian structural problems - which the conditions of the emergence of the slogan have made emerge - questioning, therefore, love as politics really followed by the president. Already in comment 4, although no element has been materially altered in the reproduction of the political staff "Love won", it is possible to perceive, by consideration of the components of the production situation of this response, that the author establishes a kind of correction to the thought that love was winning in the management of President Lula using the fact addressed in Charge, which evidently not only does not represent but also goes against a government based on love.

Keywords: ideological sign; intonation; political campaign; verb-visibility; reaccentuation.

Introdução

As discussões produzidas no interior do Círculo de Bakhtin inauguraram no Brasil um campo específico de estudos, a Análise Dialógica do Discurso (ADD), terminologia proposta por Brait (2010) para designar a produção intelectual do Círculo bakhtiniano. Tal orientação teórica, herdeira do marxismo russo, alterou radicalmente a percepção sobre a linguagem, particularmente na relação desta com a consciência individual e com o mundo exterior.

Segundo Volóchinov (2021), a consciência individual é, na realidade, social – um fato sócio-ideológico. Isso porque, para existir, precisa encarnar-se em signos (ser exteriorizada pela linguagem), e esses não são propriedade de um único indivíduo. Logo, como expressão semiótica, o signo coincide com a ideologia, e ambos nascem necessariamente da relação entre, no mínimo, duas consciências, ou seja, da oposição de um signo a outro. Por tal razão, ainda conforme o autor, apenas aquilo que adquiriu um valor social pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e nela deitar raízes. Nessa lógica, a ideologia nem é transcendente nem é exclusiva do organismo biológico particular do indivíduo, mas se localiza no meio social, representado, conforme assinalado, no signo. Logo, como observa Severo (2008), a ideologia não se opõe ao individual, mas ao natural, já que ela constitui tanto a realidade social quanto a psíquica.

Além disso, conforme discute Bakhtin (1997) no ensaio *Os gêneros do discurso*, o signo também está ligado à realidade fundamental do diálogo em sentido amplo, isto é,

o diálogo referente ao confronto entre posições existentes em todo tipo de enunciado e não apenas à conversa face a face. Logo, embora o falante se imagine senhor do que diz e procure elaborar um discurso livre de ressonâncias de uma visão externa, não pode escapar das contingências de sentido oriundas da inscrição de seu enunciado na corrente de outros elos presentes, passados e futuros, atualizados no instante presente da enunciação. Por outro lado, esse mesmo sujeito pode valer-se desse fato, reconhecendo a presença de tais posições ao realizar seu ato (re)criativo de linguagem.

Paralelamente, as formas que o signo assume dependem tanto da organização social entre os indivíduos quanto das condições em que a interação acontece (Volóchinov, 2021). Haja vista que classes sociais diferentes podem formar uma só comunidade semiótica, isto é, utilizar-se do mesmo meio para comunicar-se, o signo é multiacentuado, e assim as ênfases valorativas nele contidas são contraditórias. Por tal razão, Volóchinov (2021) sustenta que a palavra se comporta como uma arena em miniatura na qual se desenvolve a luta de classes.

A propósito desse ponto, cabe perceber, juntamente a Brait (2009, p. 144), que a concepção de texto do Círculo não se limita à dimensão verbal, mas reconhece “o visual, o verbo-visual, o projeto gráfico, como participantes da constituição de um enunciado concreto, o qual deve, portanto, ser analisado a partir das especificidades da natureza de seus planos de expressão e da esfera em que circula.” Nesse contexto, deve-se observar que a noção de palavra ou signo verbal do Círculo é mais abrangente do que a concepção da linguística tradicional. A título de exemplo, Brait (2009) aponta que, em vários trabalhos do grupo, o termo palavra se define em relação a *enunciado concreto, texto, esfera e discurso* e que a abordagem do conceito de palavra pelas obras desse grupo exige que ela seja considerada em sua realização, como enunciado concreto, que a estudiosa entende como “um todo que implica interação discursiva de sujeitos historicamente situados” (Brait, 2009, p. 144).

De maneira ilustrativa, pode-se considerar o domínio on-line, onde os sujeitos se envolvem numa rede auto-atualizável de enunciados compostos de diversas materialidades significantes, numa projeção praticamente infinita. Assim, os indivíduos presentes em tal espaço são, mais do que nunca, testados em suas habilidades de construir sentidos para conteúdos que se lhe apresentam, além de numerosos, contínua e distintamente (re)valorados. Com efeito, segundo Araújo (2011, p. 14), “[...] a web 2.0 potencializa fenômenos relacionados às práticas de linguagem como a interconexão de distintas semioses e gêneros, além da intersecção entre as diversas esferas comunicativas, o que configura o ambiente digital como volátil e de alto poder absoritivo”. Um exemplo de conteúdo que ganhou as redes e que se consagrou como uma espécie de fórmula reproduzida em muitos gêneros desse espaço foi o comentário do presidente Barack Obama após a aprovação do casamento *gay* nos Estados Unidos pela Suprema Corte Americana em 26 de junho de 2015.

Obama compartilhou, na rede social Twitter, o seguinte comunicado: “Hoje é um grande passo em nossa marcha para a igualdade. Casais de gays e lésbicas têm agora o direito de se casar, como todas as outras pessoas. #Oamorvenceu”². Essa *hashtag* tornou-se uma marca do apoio e adesão à causa LGBT, por meio de sua repercussão internacional em postagens de famosos, sobretudo da classe artística, que comemoraram a novidade. A partir daí, no Brasil, a expressão “O amor vence” entrou com toda força de uma conquista histórica para a humanidade, figurando como porta-voz de pautas ligadas à defesa dos direitos de populações socialmente minorizadas.

² OBAMA comemora “grande passo rumo à igualdade” dos homossexuais nos EUA. Uol, 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2015/06/26/obama-comemora-grande-passo-rumo-a-igualdade-dos-homossexuais-nos-eua.htm>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Dessa forma, representações particulares de amor atrelado à luta foram construídas no país, a partir do que esse vivenciava em seu contexto político. O exemplo mais marcante dessa nova orientação se deu nas eleições de 2022, quando o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores - PT) – “Lula” –, após 20 anos de sua última gestão, concorreu com o então governante Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal - PL) ao cargo de presidente da República.

Nesse período, ideias como “governo do amor, da esperança e da verdade” representavam o primeiro candidato, enquanto a repercussão de estruturas como o “gabinete do ódio” (investigado e confirmado pela Polícia Federal em 2022) com suas frentes de ação compostas de ataques e produção de fake news nas redes sociais – sobretudo contra oponentes políticos – acompanhavam o segundo político. Assim, a campanha de Lula foi marcada por *slogans* oficiais como “O Brasil vai ser feliz de novo” e “O amor vencerá o ódio”, a frase mais representativa de seu duelo com Bolsonaro. Com a vitória de Lula, esse segundo lema foi atualizado para “O amor venceu”, e desde então vem sendo usado em postagens de apoio ao presidente, mas também, curiosamente, em manifestações contrárias ao seu governo.

À vista da relevância desse fenômeno, este trabalho, inserido no campo da Análise Dialógica do Discurso (ADD), objetiva, de maneira geral, avaliar o modo como se constrói a reacentuação contraditória de *slogans* governamentais lulistas sobre o amor na postagem de uma charge sobre o dia da Amazônia da rede social *Instagram*. Os objetivos específicos são: i) verificar como ocorre a reacentuação do signo “amor” no enunciado verbo-visual da charge; ii) apontar como o momento histórico brasileiro se relaciona à atualização do *slogan* governamental nos comentários da charge pelos internautas, levando um problema ambiental a ser lido antes como um problema político.

A organização do artigo obedece ao seguinte roteiro: na seção seguinte, há a fundamentação teórica, no qual serão consideradas algumas especificidades do enunciado na esfera digital; logo adiante, a metodologia, onde se descreve sucintamente a natureza e os procedimentos da pesquisa; na sequência, a análise e discussão dos dados, momento de alcance dos objetivos previstos; finalmente, as considerações finais, quando serão retomados os principais achados do estudo.

Ser entre outros e na esfera digital

Ao analisar marcações de hashtag em contexto virtual, Brambila (2023) destaca duas dimensões relativas ao estudo do texto e do discurso nas esferas digitais³ – a potencialidade desse estudo de estabelecer novos caminhos ao discurso e sua premissa por uma investigação de indícios que emanam da materialidade textual. Sobre o primeiro ponto, o autor afirma que

³ Como observa Machado (2012, p. 152), Bakhtin desenvolve seu estudo dos gêneros considerando o dialogismo do processo comunicativo. A autora afirma que, diferentemente da teoria clássica aristotélica que preconizava a classificação do gênero em espécies, “Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado [...], sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso” e assim torna possível “considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse mas para o qual suas formulações convergem”. Tais formações são, justamente, as esferas de comunicação humana, as quais, ainda conforme Machado (2012, p. 156), “não são uma noção abstrata, mas uma referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos.”

[...] os enunciados digitais, por poderem mobilizar recursos tecnológicos de acentuação valorativa [...], retiram o texto de um lugar demasiadamente estático. Apesar de não concebermos o enunciado fora da esfera virtual como “imaculado” às contrapalavras, os recursos tecnológicos do contexto digital propiciam uma condição mais imediatista desse processo, mostrando explicitamente quais vozes são evocadas ou refutadas na materialidade enunciativa (Brambila, 2023, p. 25).

De maneira geral, pode-se colocar que tal processo remete à interconexão entre as informações na rede digital, posta a funcionar, segundo explica Santaella (2014), por meio das ações associativas e interativas do receptor, que navega pela rede juntando as diversas partes do conteúdo, as quais vão transformando-se em distintas versões virtuais graças à não sequencialidade e à multidimensionalidade do hipertexto. Prova disso é, novamente, o uso da *hashtag*, por exemplo, na rede X. Esse recurso, composto do símbolo de cerquilha colocado antes de uma palavra ou frase de importância, possibilita não apenas classificar um conteúdo, mas também e principalmente facilitar a sua recuperação na plataforma. Logo, a *hashtag* tem como função básica a indexação de tópicos nessa rede social. Isso a torna uma estratégia discursiva de fixar um território ao que é enunciado nesses espaços (Brambila, 2022), pois a *hashtag* é uma espécie de link que endereça o usuário da rede aos enunciados identificados entre si pelo assunto, salvando-o de se perder no caótico conglomerado de postagens instantaneamente atualizadas. Nos últimos anos, a relevância da ferramenta foi notória devido à possibilidade de se conhecer, na própria rede X, os *Trending Topics* (TTs), que são os assuntos mais comentados no momento, definidos justamente pelas *hashtags* mais recorrentes.

Por remeter, à distância de um clique, o usuário a enunciados provenientes de páginas e linguagens diversas no interior de uma mesma rede social digital, a presente discussão sobre a utilização da *hashtag* traz à tona o que Santaella (2014, p. 213) chama de hipermídia – a fusão da multimídia com o hipertexto. Segundo a autora, a hipermídia designa “um novo modo de formar e configurar informações, uma espessura de significados que não se restringe à linguagem verbal, mas se constrói por parentescos e contágios de sentidos advindos das múltiplas possibilidades abertas pelo som, pela visualidade e pelo discurso verbal” (Santaella, 2014, p. 213). Logo, na esfera virtual, há o evidenciamento da natureza dialógica dos sentidos e, conseqüentemente, da acentuação valorativa, visto que o internauta, no ato mesmo de produção de seu dizer, abre uma espécie de “acesso” para vista dos enunciados a que ele responde.

Quanto ao segundo aspecto, referente à pertinência do estudo do texto e do discurso nas esferas digitais, Brambila (2023, p. 25) defende como caminho produtivo de análise “a identificação das posições axiológicas, reconhecidas como rastros do lugar do sujeito na interação verbal”. Esses rastros são produzidos, como discutido, pelos trajetos alternativos tomados pelo sujeito no acesso à informação em rede. Neles, à medida que recupera sentidos resultantes de diferentes valorações sociais, esse sujeito se envolve na leitura e co-produção dos enunciados para compreendê-los, marcando valorativamente o seu lugar em relação a eles. Assim, a certeza dialógica da existência de uma resposta para o enunciado se materializa nos sistemas inteligentes das plataformas de comunicação, mesmo que essa venha sob a forma inaudível (Ex.: mediante recursos não verbais, como as reações de *emojis*). Tal resposta é, nos termos de Volóchinov (2021), a compreensão responsiva ativa para a qual se organiza todo enunciado, entendida como o processo de oposição de uma outra palavra à palavra do interlocutor, feita a partir da apreensão da orientação dessa última palavra em uma situação comunicativa específica.

De outra parte, a facilidade, sem falar na velocidade, de acesso às postagens coloca o sujeito na rota de encontro com diferentes temas de uma mesma palavra, isto é,

ao mesmo tempo em que uma palavra é indefinidamente reiterada pelos recursos próprios das redes (mediante, por exemplo, *posts* fixos ou temporários em páginas pessoais e reações a esses mediante comentário e compartilhamento), “viralizada”, é irrepetível e tão única quanto a situação concreta que a gerou. Logo,

O tema, como produto de uma enunciação viva, sempre será perpassado por uma apreciação; já a significação, enquanto potencialidade para significar, ainda não foi atingida por um acento apreciativo; somente quando isso ocorrer, ela se dissolverá no tema, formando o sentido. (Filho e Santos, 2013, p. 82)

A distinção teórica entre tema e significação exposta acima não invalida o fato de que, na ADD, campo em que se inscrevem os autores, a significação é, em última análise, um momento da apreciação, e as duas realidades não podem ser isoladas. De fato, segundo Volóchinov (2021), ambas se compõem mutuamente, pois, assim como o tema não prescinde da significação, a mudança da significação é já uma reavaliação – o deslocamento de uma palavra de um contexto apreciativo para outro.

A esse respeito, recuperando Bakhtin (1997, p. 314), para quem “a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto”, pode-se traçar um paralelo entre os conceitos até aqui discutidos e os três aspectos de existência da palavra discutidos pelo filósofo. A significação está para a palavra *neutra*, ainda desabitada, enquanto o tema está para a palavra do *outro* e para a palavra *minha*, justificada como tal porque, “na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade.” O autor pontua que a palavra é expressiva nos dois últimos aspectos, mas essa expressividade não é inerente a ela, mas à sua relação com a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real. Assim, “a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual [...] e apresenta-se como um aglomerado de enunciados.”

Por sua vez, Brambila (2022) apresenta um efeito da mutabilidade da palavra a partir de sua atualização em um contexto individual. O autor lembra que não é raro encontrar pessoas se retratando por postagens anteriormente realizadas nas redes sociais, não devido necessariamente ao seu conteúdo, mas aos novos territórios a ele agregados, pois os novos contextos de uso da palavra a determinam. Nessa conjuntura, a “condição mais imediatista” do processo de compreensão responsiva na esfera digital apontada anteriormente pelo autor torna esse ambiente fértil para as modificações dos modelos de transmissão das palavras do outro. Afinal, é comum que, embora reconhecidamente alheio, o dizer apareça não limitado por aspas, o que provoca a mistura entre acentos apreciativos alheios e próprios, sem, no entanto, implicar a fusão desses.

Tal construção, que dilui a voz citada e a citante no fio de um mesmo discurso, pode ser melhor entendida à luz do que Volóchinov (2021, p. 274) comenta acerca da modificação analítico-verbal do discurso indireto. Para o autor, essa forma de discurso reportado traz geralmente as palavras alheias entre aspas, com o intento de que o caráter específico, subjetivo e típico da voz externa seja percebido com clareza. Por outro lado, o autor observa que, caso haja o apagamento de fronteiras entre discurso citado e citante, as palavras citadas não perdem seu contraste, pois sofrem ainda um estranhamento justamente na direção necessária ao autor: “elas se objetificam e o seu colorido aparece com mais clareza, mas, ao mesmo tempo, sobrepõem-se a elas tonalidades autorais – ironia, humor, etc.”

A respeito dessas tonalidades, referentes à face subjetiva no enunciado, como observa Cunha (2009), a acentuação, assim como outros conceitos, não é explicitamente

definida nos trabalhos do Círculo de Bakhtin. Não obstante, Volóchinov (2021) chega a afirmar que, sem ela, não há palavra. Nota-se que o conceito de acentuação apresenta uma produtividade revelada em suas menções diretas e mesmo indiretas nas obras do grupo, já que, segundo Cunha (2009, p. 29), ele aponta dimensões como: o tom; o julgamento de valor, ao caráter axiológico; o ponto de vista ou posicionamento do autor; e o efeito de deslocamento temático inerente à circulação discursiva. A autora explica que esse último ponto significa que um ou mais aspectos de um conteúdo passam a ser objeto da retomada e articulados a outros que não estavam originalmente juntos na instância de produção do discurso. Mais adiante, Cunha (2009, p. 33) afirma que “todo texto comporta na sua circulação efeitos de permanência e de deslocamento”, isto é, todo texto altera os textos que retoma, seja para simples reforço ou para completa subversão, com todas as gradientes possíveis de um ponto a outro. A circulação do discurso defronta-se com uma recepção/compreensão *ativa*, e assim “[...] as palavras são retomadas e reacentuadas na passagem de um locutor para outro, de um gênero para outro, de um momento para outro, transportando novos sentidos e outros discursos.”

Sobre a relação entre a mudança do sentido da palavra de acordo com a situação discursiva em que é utilizada e a entonação, é cabível observar o que escreve Volóchinov no ensaio *Palavra na vida e a palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica*:

A entonação se situa na fronteira entre a vida e a parte verbal da enunciação; parece bombear a energia de uma situação vital à palavra, e atribui a tudo o que é linguisticamente estável uma dinamicidade histórica viva e uma unicidade irrepetível. Finalmente, a enunciação reflete em si a interação social entre o falante, o ouvinte e o herói, e vem a ser o produto e a fixação de sua interação viva no material da palavra. (Volochínov, 2013, p. 86)

Pelo excerto acima, nota-se que, para o autor, a entonação é a evidência do vínculo entre a língua e a vida, entre o dito e não dito. Nesse sentido, a entonação tem a ver, como observado por Cunha (2009) e já exposto neste espaço, com uma expressão audível do enunciado – o tom – e com a atitude ativa – o posicionamento – do falante com o objeto de sua enunciação. Tanto uma como a outra variam segundo os componentes do contexto extraverbal – o horizonte espacial compartilhado pelos falantes, o conhecimento e a compreensão comum da situação e a valoração igualmente compartilhada da situação (Volochínov, 2013, p. 85). Nesse sentido, para Volochínov (2013, p. 85), a entonação não é apenas a expressão mais pura da valoração, mas também é o meio onde mais facilmente se verifica a dupla orientação social do falante na enunciação verbal: “com respeito ao ouvinte enquanto aliado ou testemunha, e com respeito ao objeto da enunciação como se fosse um terceiro participante vivo; a entonação o molesta, o acaricia, rebaixa ou engrandece.” É nesse sentido que Volochínov (2013, p. 82) afirma, em um dado momento, que “a entonação é sensível para com qualquer oscilação da atmosfera social em torno do falante”, acrescentando, mais à frente, que é não apenas sensível, mas também o aspecto mais flexível e livre da palavra.

Em razão de tais pressupostos, esta pesquisa focaliza um exemplo representativo de uma apreciação negativa do signo amor decorrente da publicação de uma charge na data comemorativa ao dia da Amazônia. Na seção seguinte, discorre-se acerca do percurso metodológico seguido no processo de investigação desse material, de modo a justificar sobretudo as escolhas que permitiram a composição e, posteriormente, a análise do *corpus*.

Metodologia

Este estudo é de natureza qualitativa, pois, buscando compreender o funcionamento discursivo do signo “amor” na atualização de *slogans* governamentais em um *post* do *Instagram* sobre o dia da Amazônia, seu universo de pesquisa envolveu o trabalho com um fenômeno que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis, nem percebido ou captado em equações, médias e estatísticas (Minayo, 2002). Quanto à finalidade, é descritivo-interpretativista, haja vista que o trabalho desenvolve tanto uma caracterização quanto avaliação dos dados analisados.

A seleção do *post* para análise tomou como critério a presença do *slogan* petista enquanto atualizado não apenas como um enunciado da campanha política desse governo, mas também, polêmicamente, como uma arma da oposição, que põe em xeque a verdade dessa ideia. Dessa forma, escolheu-se como exemplar de estudo o *post* com a charge “Amazônia”, ambos – a publicação e a produção artística – realizados por Jean Galvão (@jeangalvao) em sua página pessoal de *Instagram*. Decidiu-se avaliar de perto esse caso em específico também pelo modo particular de reacentuação do *slogan* petista nos comentários de tal *post*, já que a charge nele divulgada não aparece nomeadamente ligada ao conflito partidário de onde o lema surgiu, ou, por exemplo, indexada pela *hashtag* a assuntos desse universo temático. Antes, o produtor da charge filia seu *post* aos dizeres em comemoração ao dia da Amazônia (5 de setembro), o que revelou, em tal publicação, um ponto de relevância.

Assim, a análise considerou não apenas os comentários do *post*, espaço onde precisamente se verificou a reacentuação do signo político, cujo valor – inicialmente associado à promoção do agente presidencial brasileiro da esquerda – tornou-se alvo de disputa quando usado agora como porta-voz também da direita, mas também a charge como seu enunciado gerador. Isso foi feito pela compreensão de que, apesar da “não perenidade cronotópica ser um elemento constitutivo do enunciado nas redes sociais, [...] há sempre um contexto sócio-histórico subjacente aos enunciados postados em redes sociais, isto é, há sempre um apelo de resposta constitutivo.” (Brambila, 2022, p. 15). Sob tal lógica, a charge foi observada precisamente em razão de ser o elo do diálogo que essencialmente convoca, dentre outras, a resposta específica investigada neste trabalho – a reacentuação do *slogan* lulista sobre o amor.

Para melhor aproveitamento do espaço do trabalho e atendimento de seus objetivos, escolheu-se reproduzir aqui apenas os comentários mais significativos para análise. Assim, o critério de escolha desses enunciados foi a referência direta de seu conteúdo ao diálogo aberto pela charge. Consequentemente, não foram trazidos comentários em que houve apenas a utilização de *emojis*, ou respostas aos outros comentários que fugiram à questão central do *post*. Assim, dos 12 comentários da publicação, foram transcritos 4 e analisados 2, em virtude de a reacentuação do *slogan* lulista do amor ocorrer apenas nesses 2 casos. Paralelamente a tais definições, realizou-se a leitura de obras de Bakhtin e o Círculo, bem como de pesquisas semelhantemente situadas na ADD, que esclareceram conceitos desse primeiro e basilar conjunto teórico e guiaram a sua operacionalização neste trabalho. Finalmente, após esse momento, desenvolveu-se a análise e a interpretação dos dados apresentada a seguir, em que recuperaram-se os fios dialógicos de manifestação do sentido da charge e de seus comentários, o qual, como em todos os demais enunciados, guarda simultaneamente uma dimensão social (típica, recorrente) e individual (evêntica, irrepitível).

Reacentuando dizeres: a Amazônia como fato político

A passagem massiva das agências de comunicação para as redes sociais fez com que os sujeitos tivessem em um mesmo plano o acesso à informação e ao entretenimento. Nesse âmbito, a charge ganhou para si um espaço sem dúvidas interessante, na medida em que, mediante as páginas pessoais de seus produtores, passou a circular não apenas anexada a outros gêneros e com espaço mais restrito em relação a eles, mas também como peça principal de leitura e produção de sentidos. A sua presença no digital demandou do leitor uma reação específica em relação à mídia impressa, na qual ela figurava geralmente como um enunciado humorístico auxiliar e marginal frente a outros gêneros mais consagrados da esfera jornalística.

Nesse enquadre, o ano de 2023 se iniciou com um diagnóstico ambiental que reaqueceu a polarização política acerca dos concorrentes Bolsonaro e Lula no contexto de transição de governo. Ainda no dia 10 de fevereiro, o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) anunciou a extensão de 322 km² de áreas sob alerta de desmatamento na Amazônia Legal, um número recorde para a série histórica iniciada em 2015⁴. O saldo de 2022 também não foi animador: o Brasil fechou esse ano com a marca de 10.267 km²⁵. Consequentemente, o dia 5 de setembro – dia da Amazônia – abriu uma brecha para que chargistas como Jean Galvão explorassem tensões e contradições existentes no atual tempo-espaço brasileiro a respeito da questão, como se vê na Figura 1.

⁴ PEIXOTO, R. Alertas de desmatamento na Amazônia têm pior fevereiro da série histórica, aponta Inpe. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/03/10/alertas-de-desmatamento-na-amazonia-tem-pior-fevereiro-da-serie-historica-aponta-inpe.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2024.

⁵ ALERTAS de desmatamento em 2022 bateram recorde na série histórica, aponta Inpe. Carta Capital, 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/alertas-de-desmatamento-em-2022-bateram-recorde-na-serie-historica-aponta-inpe/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

Figura 1. Charge de Jean Galvão



A charge reproduzida é um exemplo de como “as tomadas de palavra nas redes sociais não têm dimensões previsíveis”, pois, “tal qual uma semente em solo fértil, o enunciado nesse espaço se alastra e ganha contrapalavras⁶ abruptamente, assumindo adesões, recusas e impactos sociais diversos” (Brambila, 2022, p. 14). Primeiramente, o título “Amazônica” destacado na cor verde, simbólica de vegetação, bem como a marcação de hashtag na legenda “#diadaamazonia” constituem mecanismos de filiação da charge tanto ao atual estado de redução desenfreada da cobertura florestal na região da Amazônia legal brasileira quanto aos dizeres que simultânea e contraditoriamente reforçam a importância de sua preservação. Nesse processo, concorda-se com Brambila (2022, p. 15-16) quando o autor afirma que a utilização da hashtag opera como estratégia “de se propor uma baliza para se refletir sobre quais tempos-espacos e ideologias estão sendo evocados no enunciado em questão”. O tom de verde das letras da palavra “Amazônia” é acinzentado, o que já revela a reelaboração desse signo, a qual vem apagar o sentido típico festivo de valorização e preservação dessa riqueza nativa contrapondo-se a ele na construção de uma Amazônia devastada. Juntos, a palavra, a cor e o link da *hashtag* na legenda formam a espessura de significados típica da hipermídia

⁶ O conceito, nomeado em Volóchinov (2021) de antipalavra, se refere à réplica que se opõe à outra no diálogo como sua compreensão responsiva ativa.

anteriormente comentada. Os limites dessa densidade de sentidos dependerão da interatividade do leitor que vai conectando as informações por meio dos links que acessa (Santaella, 2014), no caso em apreço, por meio da hashtag.

Logo, o primeiro quadro da charge alinha-se ao segundo sentido citado – a preservação de um patrimônio natural da humanidade. Percebe-se que o título “Amazônia” parece adentrar estruturalmente na unidade dessa primeira imagem e, de certa maneira, iluminar-lhe o sentido, visto que, sem essa indicação inicial e a legenda do *post*, o primeiro quadro se vincularia mais dificilmente à questão específica da Amazônia, dado o seu enquadramento, como numa espécie de *zoom* fotográfico, não possibilitar a visualização de elementos que contextualizam melhor a ação representada nessa primeira cena. Por outro lado, como pode-se perceber melhor depois, tal conformação imagética serve ao propósito de direcionar precisamente o leitor à rede de sentidos ecoados pela data comemorativa, fazendo com que o signo “Amazônia” se materialize, para além da expressão linguística, também no campo visual. Logo, o detalhe do preenchimento de todo o primeiro quadro pela superfície de coloração marrom com vincos levemente distorcidos sobre a qual se talha o desenho de um coração é um elemento eficaz na efetivação da referência à árvore, metonímia da Amazônia.

Por outro lado, a primeira cena parece ser perturbada por um elemento-chave em particular, que marca o início de uma desautomatização do olhar que se poderia lançar sobre as publicações envolvendo elementos da Amazônia na data-evento específica de sua comemoração. O agente que está por trás do desenho de um coração no tronco da árvore é um homem de terno, do qual se vê apenas o rosto, os ombros e os braços. O traje formal indica tratar-se de um indivíduo de posses, como um empresário. Os seus olhos estão bem abertos e a expressão do seu semblante é contente, o que, à sombra da moldura lhe conferida pelo título da charge e pela marcação da legenda, desvela, numa leitura mais imediata, uma postura honesta frente ao gesto simbólico realizado. Além disso, nesse quadro, o desenho do coração não está completo, indicando, por tal expressão visual, que o ato sentimental referente à Amazônia ainda está em curso.

Como exposto, esse sentido positivo é apenas possível pela técnica de composição escolhida pelo chargista, que coloca em primeiro plano a relação entre o sujeito e objeto de sua afeição, isto é, a ação do sujeito em riscar um traçado símbolo do amor na árvore, deixando as circunstâncias da ação encobertas. Dado o sentido positivo de um sentimento favorável à Amazônia ser logicamente esperado no dia de sua celebração, esse efeito de causalidade entre a data especial e a ação razoável correspondente tem lugar no primeiro quadro da obra. Ademais, o sentido da importância dessa região vista no cenário crítico de sua exploração. Acerca desse último aspecto, deve-se lembrar que, embora não esteja reunida no mesmo suporte com outros tipos de enunciados que fazem menção a data, a charge reflete-os aqui precisamente em sua maneira típica de tratar o assunto da data comemorativa, isto é seu tema (Filho; Santos, 2013).

Em contrapartida, o segundo quadro da charge cumpre a tradicional quebra de expectativa, responsável, dentre outros recursos, pelo humor no gênero, explicando a real motivação do ato anteriormente retratado. O mesmo sujeito da primeira cena aparece agora levando embora troncos de madeiras em seu caminhão, que não simplesmente corre mas sim voa resolutamente sobre o chão, deixando para trás o lugar antes aparentemente importante. Esse detalhe da velocidade parece indicar a realização bem-sucedida dos objetivos do empresário, bem como a euforia com que se corre para a concretização dos próximos interesses viabilizados pela ação anterior do desmatamento. Dentre os troncos transportados no veículo, figura o mesmo tronco da primeira cena com o desenho do coração, este, por sua vez, agora diferente. O coração dessa segunda cena aparece concluído e acrescido de uma flecha, que, atravessando-o, reacentua e atualiza, junto aos

demais elementos do novo cenário, o sentido do amor à Amazônia. A ironia é, então, deflagrada como a “contrapalavra que destitui, modifica e ressignifica a palavra à qual se refere.” (Brambila, 2022, p. 10). A flecha mostra que o alvo do empresário, desde sempre o coração da Amazônia representado pelas árvores – foi atingido. Tudo está, finalmente, às claras: a Amazônia não é “amada” como um fim, mas sim como um meio. É precisamente esse deslocamento de perspectiva o sustentáculo da ironia na charge.

Ao fundo, como prova da destruição, o cenário mostra-se descampado, com apenas tocos de árvores à vista. O céu é de um verde frio, e o mesmo homem da primeira situação esboça agora uma satisfação distinta e mais intrigante, correspondente à nova tonalidade expressiva que acompanha este ponto da sequência narrativa visual. Prova disso é que suas pálpebras agora aparecem, pois seus olhos estão semicerrados, o que contribui para despir-lhe da imagem de “bom moço” e revalorá-lo como vilão e inimigo da Amazônia. A essa altura, o sentido inicial do amor que implicaria a proteção dos recursos amazônicos é claramente negado, mas não somente isso, pois a ironia integra a essa negação ainda outros sentidos.

O segundo quadro rompe definitivamente o disfarce simpático da cena do primeiro, fazendo com que o gesto do indivíduo de traçar agradavelmente um coração sobre a madeira seja inegavelmente lido como uma expressão não da valorização do bioma, mas da ganância insaciável pelos recursos por ele oferecidos. O sujeito não quer bem à Amazônia *por ela mesma, e sim por si*, tendo em vista primeiramente o seu conforto material. Prazenteira, essa figura encontra nela – como sob a infeliz lógica acima pontuada de que os fins justificam os meios – um caminho para alcançar seus propósitos econômicos, mediante a exploração da madeira, uma das principais formas de degradação da área florestal. Assim, a ironia na linguagem visual da charge revela-se uma estratégia poderosa, pois, ao erigir um sentido que se deseja na realidade negar, faz surgir um segundo, que, dessa combinação de acentos contraditórios, emerge mais convincente. Em suma, a charge modifica o valor do enunciado “Dia da Amazônia”, deslocando-o do sentido que lhe enxerga enquanto um marco memorial da importância da preservação do maior bioma brasileiro para o sentido absurdo e contraditório de mais um dia para o avanço do desmatamento. Dessa forma, estrutura-se tragicamente o humor da produção.

Por seu turno, os comentários da publicação abriram novas possibilidades de leitura desse enunciado pela abordagem do signo “amor”, aludido pelo desenho do coração apresentado no primeiro quadro da charge. Abaixo, há a transcrição de alguns desses comentários:

- (1) governo do amor verde kkkk
- (2) E lá vai mais um pedacinho da Amazônia para a Europa ou EUA... (emoji de rosto chorando)
- (3) É... e lá se vai o verdadeiro pulmão da Terra
- (4) O amor venceu [sic]

Dos 12 comentários realizados na publicação, três são exclusivamente compostos de *emojis* e 5 constituem uma conversa iniciada pelo tópico apresentado no comentário 3. Nessa conversa, os internautas debatem sobre quem é “o verdadeiro pulmão da Terra”, se é a Amazônia ou as algas e cianobactérias, afastando-se da questão central do *post*. Por isso, pela menção direta do conteúdo ao diálogo aberto pela charge, as respostas transcritas neste espaço são as mais substanciais para o alcance dos objetivos de pesquisas elencados.

Diferentemente dos outros sujeitos que abordaram a charge do ponto de vista do problema ambiental da destruição da Amazônia, os produtores dos comentários 1 e 4 compreenderam-na sobretudo como uma representação de um problema político, pelo

que recuperaram diretamente o *slogan* petista para travar com ele uma oposição. Sabe-se que os precedentes históricos da liderança de Bolsonaro e Lula no Brasil geraram uma polarização centrada na expectativa popular sobre o que aconteceria numa possível continuidade de seus governos, criadas, evidentemente, pelas marcas que esses deixaram quanto ao empoderamento e à proteção dos diversos grupos sociais. Nesse contexto, não havia meio-termo entre os dois candidatos, dado suas propostas serem mutuamente excludentes. Por isso, a vitória de Lula nas eleições de 2022 foi recebida como uma nova página na história brasileira, o que, em termos práticos, significava a revitalização de áreas extremamente prejudicadas no país nos últimos anos, como a ambiental. Nessa lógica, a famigerada mensagem da campanha petista presidencial “O amor venceu” passou a ser tomada pela oposição como enfrentamento intrinsecamente irônico à ideia polemicamente sustentada de que, com a nova gestão, os principais problemas brasileiros seriam questões do passado.

Por conseguinte, assim como houve um efeito de permanência pela paródia (comentário 1) e pela reprodução exclusiva e *ipsis litteris* do slogan governamental (comentário 4), houve também um efeito de deslocamento pela orientação contraditória de valor que o mesmo enunciado político veio a assumir nos dois casos (Cunha, 2009). Colocando em miúdos, a premissa de que há amor no governo Lula é posta abaixo. No comentário 4, por exemplo, embora materialmente nenhum elemento tenha sido alterado do enunciado “O amor venceu”, é possível perceber, pela consideração dos componentes da situação de produção do enunciado aqui tensionados, que esse interlocutor termina por estabelecer uma espécie de correção ao pensamento de que o amor, como um dos mais desejados sentimentos, estava realmente vencendo na gestão do presidente Lula, como os seus eleitores esperavam. Nesse sentido, o autor do comentário parece remeter a justificativa dessa correção à própria plausibilidade do fato abordado na charge, que não é, nem de longe, uma situação esperada em um governo identificada como “do amor”. Assim, haja vista que “a palavra no discurso tem caráter axiológico e escolher uma palavra é posicionar-se axiologicamente” (Cunha, 2009, p. 29), a atualização de um *slogan* tão representativo do governo petista na composição da crítica dos usuários tem o peso de um ataque direto a essa gestão, o qual entende a atual situação dos danos ambientais como um das situações definitivamente não solucionadas pela nova liderança. Certamente, tal reacentuação do signo é exemplo do que Volóchinov (2021), como já assinalado, afirma da palavra como arena, lugar onde se confrontam e entrecruzam ênfases valorativas contraditórias.

Avaliando o contexto da publicação, nota-se o alto recorde da extensão de áreas desmatadas em fevereiro de 2023 (antes mesmo do fechamento dos números do mês pelo Inpe) como um dos eventos que incitaram defensores do ex-presidente a recobrar enunciados recorrentes na campanha de Lula para apresentá-los como uma farsa, submetendo o presidente e seus eleitores ao riso por meio de uma composição discursiva a princípio não autorizada para esse grupo político. Semelhantemente ao acento apreciativo irônico manifesto na materialidade visual da charge, os comentários 1 e 4 escolhem subverter um fato julgado problemático e conquistar a adesão do interlocutor contra ele por meio da construção contraditória irônica do enunciado, a qual não tem, obviamente, a pretensão de ser resolvida, uma vez que a dubiedade é a via mesma de ação desse tipo de enunciado.

O signo do amor, verbal e imagetivamente construído na charge, possibilita uma reação do interlocutor a esse enunciado que não apenas reveste o tema ambiental de um acento completamente novo, mas também distancia relativamente a discussão desse tema pontual ao considerar, a princípio e hiperonicamente, que o problema em questão nela retratado é a gestão política lulista. Esse processo é evidente no fato de os autores do

comentário 1 e 4 proporem uma espécie de renomeação para a charge de Jean Galvão, que não mais diz respeito exatamente à situação atual da Amazônia Legal brasileira, e sim indiretamente ao que essa, segundo a concepção política de tais sujeitos, representaria para o governo Lula – um obstáculo ao sucesso (metaforizado pelo amor) de seu mandato.

No comentário 1, esse sentido é evidenciado pela reprodução do riso após a frase, mas se deve primordialmente à combinação “amor verde”. Em outro contexto de produção, o enunciado 1 poderia, sem dúvidas, caracterizar uma avaliação positiva. Porém, na situação de produção em análise, mesmo se viesse isolado de qualquer manifestação direta de humor no interior do mesmo comentário, só poderia subsistir como uma reprovação mordaz à atual gestão brasileira, pois o fato de ser uma resposta ao quadro de destruição denunciado pela charge o determina. Cabe lembrar que qualquer que seja o elemento da enunciação focalizado, ele será sempre determinado pelas condições reais de sua realização, ou seja, pela situação social mais imediata (Volóchinov, 2021). Por conseguinte, o autor do comentário, na compreensão responsiva ativa da charge materializada em seu enunciado, mantém vivos os rastros de diálogo com tal produção, já que, conforme discutido, toda compreensão é essencialmente dialógica (Bakhtin, 1997). Para traçar um paralelo, no bojo da relação com os comentários do post, a charge assume a posição de primeira porta-voz do desmascaramento de uma postura que, apresentando-se inicialmente benéfica e desejável, acaba por se provar falsa e prejudicial. Na charge, tal conduta é do empresário, cujo verdadeiro interesse não recai em outra coisa senão em seu próprio lucro; nos comentários, a incoerência entre o que se faz crer e o que é de fato é atribuída ao governo Lula.

Logo, semelhantemente ao que ocorre com o “Dia da Amazônia” na charge, o comentário “governo do amor verde”, como uma antipalavra (Volóchinov, 2021) ao lema icônico da liderança lulista “governo do amor”, repete esse enunciado refratando o seu sentido de apoio a tal gestão para revalorá-lo agora pelo acréscimo do signo “verde”. No novo enquadre enunciativo e à luz do contexto comunicativo descrito mais acima, pondo-se lado a lado os enunciados “governo do amor” e “governo do amor verde”, tem-se, no segundo caso, não um reforço positivo (e mais específico) da natureza da governança Lulista, mas antes uma arma que atinge diretamente o seu pilar de sustentação – a validade de se sustentar a existência do amor. Isso porque, ao questionar o amor como política realmente seguida de tal governo à luz de um fato trágico de ampla relevância social – a destruição da Amazônia –, o autor do comentário 1 torna, no contexto individual de sua compreensão da charge, a máxima petista insustentável, expondo-a, assim, ao vexame público e, conseqüentemente, ao ridículo.

Já em “O amor venceu”, comentário 4, para além, claramente, do signo “amor”, não se exhibe mais nenhum vínculo explícito com a charge, e assim esse enunciado apresenta-se, de certo modo, mais propenso a reportar outras questões que extrapolam a área ambiental. De fato, facilmente pode-se encontrá-lo nas redes funcionando como uma resposta bolsonarista aos discursos que promovem a figura do presidente Lula, particularmente diante de anúncios de mudanças indesejadas com algum impacto social realizadas pelo político ou mesmo diante de comportamentos e falas polêmicas de sua responsabilidade. Alguns exemplos de contextos que provocaram a utilização irônica desse enunciado são a taxaço de produtos internacionais, o reajuste do preço dos alimentos e o sentimento de vingança contra o ex-juiz Sergio Moro que Lula deixou escapar em uma entrevista no qual relembra seu tempo na prisão, principal responsável por sua condenação. Nos dois comentários analisados, a atualização do lema de campanha lulista parece antecipar-se a um olhar mais aprofundado da questão abordada em seus enunciados-alvo, que, se não desaparece, fica em segundo plano. Assim, a questão ambiental é compreendida mais como uma fragilidade e indício da incoerência do

governo atual do que como um desafio que historicamente transitou entre as gestões do país, sendo, na realidade, um problema que transpassa uma única organização política. Em síntese, a reflexão sobre o dia da Amazônia que o desenho de Jean Galvão mostra suscitar é subsumida, envolvida, recoberta pelo ataque indireto, mas eficaz produzido por não simpatizantes da gestão de Lula. Nesse contexto, entende-se que a ironia, como uma construção enunciativa complexa tecida a partir das palavras do outro e, portanto, dos mesmos sentidos que se busca negar, constitui uma forma bastante provocativa de posicionamento dos autores dos comentários. Isso porque, especialmente no objeto específico desta análise, ela revela-se, na esteira da definição de Brait (2008), como uma estratégia intertextual de composição discursiva. Os enunciados 1 e 4 são conscientemente organizados para promover o entrecruzamento de vozes que mutuamente se refratam negando-se uma à outra – a saber, a voz da esquerda e a voz da direita brasileiras – e são juntamente ouvidas, configurando o discurso bivocal ou a duas vozes (Bakhtin, 2010). Por fim, ao usar as palavras do outro, os respondentes do *post* convocam uma nova réplica de seu oponente para o mesmo enunciado, aumentando ininterruptamente os elos da comunicação dialógica e os embates valorativos.

Considerações finais

Neste trabalho, analisou-se o modo como *slogans* governamentais lulistas sobre o amor foram atualizados na publicação de uma charge sobre o dia da Amazônia da rede social *Instagram*. Sobre esse enunciado, constatou-se que opera visualmente uma acentuação irônica, por meio da contradição entre sentidos correntes esperados para uma intervenção na data comemorativa do Dia da Amazônia e os sentidos que o momento histórico brasileiro fizeram emergir.

Assim, observou-se que, a partir de tais sentidos, os sujeitos produtores dos comentários produziram uma compreensão do desmatamento em 2023 não como um problema de cunho primariamente ambiental, mas de ordem política, a partir de um posicionamento de oposição ao governo do presidente Lula. Tal postura os levou a mobilizar nos comentários *slogans* das campanhas dessa figura política os quais, desde 2022, vieram se popularizando como sua marca. Nessa recuperação, os comentários imprimiram um desencontro com a gestão lulista mediante um acento apreciativo irônico, semelhantemente ao que foi visto na charge.

Por fim, espera-se que o estudo deixe contribuições às pesquisas interessadas no fenômeno da acentuação, que, como visto, é um ponto de suma importância até mesmo para o estudo da significação das formas linguísticas. Estudos na Análise Dialógica do Discurso que relacionem tal questão de pesquisa ao estudo de novos gêneros, bem como aprofundem a análise dos pontos de interface entre semântica e discurso com certeza serão importantes para demonstrar a relação insolúvel entre estabilidade e mudança, que é inerente a própria vida da linguagem e de sua manifestação em práticas comuns da vida social.

Referências

ARAÚJO, J. C. Web 2.0 e as práticas de linguagem: novos gêneros? **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 7-19, set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16592>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1o sem. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/m/Downloads/3004-Texto%20do%20artigo-6723-1-10-20100617%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/m/Downloads/3004-Texto%20do%20artigo-6723-1-10-20100617%20(1).pdf). Acesso em: 18 jan. 2024.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-31.

BRAMBILA, G. #Contémironia: uma análise bakhtiniana da contrapalavra no contexto virtual. **Signótica**, Goiânia, v. 34, p. 1-28, set. 2022. DOI: 10.5216/sig.v34.72026. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/72026>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CUNHA, D. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 23-39, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3010/1941>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FILHO, F. A.; SANTOS, E. P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-89, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p78>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 151-166.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2022. p. 9-29.

VOLOCHÍNOV, V. Palavra na vida e a palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013. p. 71-100.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021.

Submetido em 20 de maio de 2024.

Aprovado em 26 de junho de 2024.